



Revista do SUPREMO CONSELHO DE MINAS GERAIS

ANO II Nº 03/Março 2022 - scmg.org.br



SUPREMO CONSELHO DE MINAS GERAIS

SUPREMO CONSELHO DO GRAU 33 PARA A REPÚBLICA FEDERATIVA
DO BRASIL, RITO ESCOCÊS ANTIGO E ACEITO

EXPEDIENTE

Informativo do
**SUPREMO CONSELHO
DE MINAS GERAIS**

CNPJ: 65.180.556/0001-52
Rua da Bahia, 570, 3º andar
Centro - Belo Horizonte-MG
CEP: 30160-015
Tel. (31) 3226-3773
Tel. (31) 9-8634-2548

Site: scmg.org.br

E-mail: scmg@scmg.org.br

EDITOR RESPONSÁVEL

Carlos José Bratiliere

CONSELHO EDITORIAL

Antônio Juliano Breyner
Carlos Alberto de Brito
Carlos José Bratiliere
Clévio Andrade Sodré
Clovis Arlindo Ribeiro
Clóvis Mário de Oliveira
Emanuel Torres Breyner

DIAGRAMAÇÃO

Daniel Luiz da Silva

DIRETORIA

Mar/2019 a Mar2022

Wagner Colombarolli
Grande Comendador

José Basílio de Queiroz
Lugar Tenente Grande Comendador

Marcus Vinícius de Freitas
Gr.: Ministro de Estado e Gr.: Orador

João Luiz Pereira Issa
Gr.: Secretário Geral e Arquivista

Emanuel Torres Breyner
Gr.: Chanceler e Guarda dos Selos

Carlos José Bratiliere
Gr.: Tesoureiro do Santo Império

Sumário

03 EDITORIAL

04 PALAVRA DO GRANDE COMENDADOR

Ir.: Wagner Colombarolli

06 PALAVRA DA CONFEDERAÇÃO PAN-AMERICANA

Ir.: Antônio José Aniceto Rossi

07 PALAVRA DA AIME

Ir.: Georges Bousquet

15 A INDEPENDÊNCIA DO BRASIL E A MAÇONARIA

Ir.: Emanuel Torres Breyner

17 INICIAÇÃO GRAU 33 EM POÇOS DE CALDAS/MG

19 INICIAÇÃO GRAU 33 EM BELO HORIZONTE/MG

20 REUNIÕES ADMINISTRATIVAS ON-LINE DO SCMG

**21 REFORMAS DAS DEPENDÊNCIAS DO 5º ANDAR DO
SUPREMO CONSELHO DE MINAS GERAIS**

**24 REFORMAS DAS DEPENDÊNCIAS DO 3º ANDAR DO
SUPREMO CONSELHO DE MINAS GERAIS**

25 GRANDES PERDAS

26 CONHECENDO AS REGIÕES LITÚRGICAS ADMINISTRATIVAS

REVIVENDO A HISTÓRIA

27 A ÁGUIA BICÉFALA

Ir.: Ladival Ignácio Pereira

EDITORIAL

Firme no propósito de levar aos maçons e aos membros do Supremo Conselho de Minas Gerais, conhecimento e informação a respeito das organizações que tem como objetivo da prática dos ensinamentos do Rito Escocês Antigo e Aceito e suas atividades, divulgar e incentivar a produção literária dos irmãos, disseminar diversos temas relacionados à Maçonaria, lançamos a terceira edição da Revista Virtual do Supremo Conselho de Minas Gerais.

A Gestão que ora encerra seu mandato, sob o comando do Soberano Grande Comendador Wagner Colombarolli, o faz, de modo sereno por ter enfrentado em seu período quase todo a pandemia do Covid 19, que marcou a todos pelo distanciamento social, gerou sofrimentos e tristeza, levando ao Oriente eterno muitos valorosos irmãos e grandes colaboradores da Instituição. Mas, apesar de tudo não mediu esforços e recorreu às tecnologias interativas para manter viva as atividades e comunicabilidade da Instituição.

Através da edição o leitor terá a oportunidade de acompanhar o que se empenhou para fazer e o que foi realizado, mesmo diante das adversidades que enfrentamos, principalmente na busca de um ambiente mais acolhedor em nossa sede na Rua da Bahia.

Aliado a isso, mensagens da Aliança Internacional Maçônica Escocesa e da Confederação Panamericana também se alinham com o momento, bem como reforçam a pujança do Supremo Conselho de Minas Gerais no cenário internacional.

Que às luzes da Maçonaria encontremos forças para superar os obstáculos e buscar entendimentos para combater as discórdias e contribuirmos para uma sociedade mais justa e perfeita.

A Comissão Editorial

MENSAGEM DO GRANDE COMENDADOR



O Supremo Conselho de Minas Gerais lança a 3ª edição de sua Revista. Cumpre o programa estabelecido pela Comissão de Comunicação e pelo Conselho Editorial de publicar 2 Revistas ao ano, uma em março, por ocasião do aniversário do SCMG e a outra em agosto em comemoração ao Dia do Maçom. A primeira foi lançada em março/2021 e a segunda em dezembro/2021. Segue a de março/2022. Palavra dada, palavra cumprida. Esta é a última Revista da atual Diretoria, tendo em vista que haverá eleições em março e posse em abril próximo.

A atual Diretoria cumpre o seu mandato 2019/2022 e se retira com a consciência tranquila do dever cumprido. O período foi conturbado pela pandemia, ocasião em que a Maçonaria em geral, não somente o Supremo Conselho de Minas Gerais, não pôde cumprir sua vocação das reuniões presenciais ritualísticas e nessas a progressão de graus e de conhecimentos proporcionado pela sua especificidade que é o processo iniciático. Tudo quando é possível e determinação do Grande Arquiteto do Universo.

A administração do Supremo Conselho foi realizada pelo colegiado da Diretoria, cujos assuntos foram analisados e solucionados em conjunto pelos seus titulares, sendo a decisão implementada pelos meios disponíveis, sob a responsabilidade estatutária do Grande Comendador. Para isso, a Diretoria se reuniu semanalmente, sempre às 5^{as} feiras, às 18 horas, em reuniões on-line durante a pandemia, quase sempre com a totalidade de seus membros, que assumiram e cumpriram as funções para as quais foram eleitos e outras tarefas decididas pelo conjunto ou a pedido do Grande Comendador.

O Supremo Conselho de Minas Gerais não impôs restrições nem estimulou reuniões presenciais durante o período da pandemia, deixando as decisões a cargo dos presidentes do Corpos e dos Inspetores Litúrgicos, obedecidas as determinações das autoridades sanitárias da região.

Para contornar as limitações das reuniões presenciais, foram realizadas reuniões virtuais tratando de temas de interesse dos irmãos, procurando manter o contato e o interesse em assuntos que promovem o crescimento moral e espiritual, tão aspirado pelos praticantes da Arte Real. A ritualística e nossos "segredos" foram proibidos nessas reuniões para não expor nossa intimidade maçônica. Dentro desse princípio foram realizadas 14 Reuniões Administrativas Plenárias On-line, com boa participação dos nossos irmãos dos Altos Graus e apresentados relatórios das atividades do Supremo Conselho para maior transparência da administração.

No apagar das luzes desse triênio, faz-se necessário informar algumas de suas principais realizações em prol da Instituição:

- Recuperação do espaço no 5º andar do Ed. Alcazar, transformando-o em auditório e espaço social e biblioteca;
- Reforma do 3º andar do Ed. Alcazar, sede do Supremo Conselho e adequação de seu Templo aos Rituais de 1804;
- Criação do cargo de Grande Inspetor Litúrgico Adjunto para substituir o Titular em suas



A.: U.: T.: O.: S.: A.: G.:

CONFEDERAÇÃO PAN-AMERICANA DOS SUPREMOS CONSELHOS DO R.:E.:A.:A.:

Deus Meumque Jus

Ordo Ab Chao

*Antônio José Aniceto Rossi, 33
Presidente da Confederação
Pan-Americana dos Supremos
Conselhos do R.:E.:A.:A.:*



Saudando os Poderosos Irmãos, aproveito para agradecer o Supremo Conselho de Minas Gerais pela oportunidade que mais uma vez me foi oferecida de participar de modo modesto desta 3ª Edição da **“Revista do Supremo Conselho de Minas Gerais”**.

Inicialmente trago à reflexão alguns assuntos que estão presentes no cotidiano da nossa Sublime Ordem.

A Maçonaria vem sofrendo, como outras Entidades Congêneres, do flagelo da pandemia que nos assombra desde o final de 2019 e ainda, de certa forma, perdura e a todos aflige e preocupa.

No final de 2021 pensávamos que a referida doença nos daria uma trégua, mas não foi isso que aconteceu.

Surgiram, pelo contrário, novas mutações do vírus e ela continua bastante ativa. É certo que muito já se fez no tocante ao seu combate e hoje a encaramos com mais conhecimento

de causa e com precauções mais eficazes.

A Maçonaria Simbólica, operativa por excelência, começa paulatinamente a voltar às suas atividades. Alguns Corpos de Altos Graus do REAA, ou seja, os Supremos Conselhos, que tem função específica de instruir e preparar o Obreiro no aspecto do seu desenvolvimento cultural e espiritual, também assim procedem. No caso dos Supremos Conselhos, além daquelas enfrentadas pela Loja Simbólica, outras dificuldades se apresentam e as expomos à reflexão dos Irmãos.

Idade um pouco mais avançada dos seus membros e conseqüentemente o receio da contaminação, dentre outras questões, ainda é a maior dificuldade encontrada.

A Sublime Ordem, assim como outras atividades, se valeu do avanço da “ciência” para contornar em parte essa situação. Da característica fundamental das nossas reuniões, que é a presença física do Obreiro nas sessões, passou-se temporariamente à prática dos encontros virtuais nas “reuniões on-line”.

Esse foi o modo encontrado para manter-se o contato e a reunião do grupo, seja da Loja ou do Corpo Subordinado. Foi a forma colocada em prática para que os Irmãos não se



A.: U.: T.: O.: S.: A.: G.:

CONFEDERAÇÃO PAN-AMERICANA DOS SUPREMOS CONSELHOS DO R.:E.:A.:A.:

Deus Meumque Jus

Ordo Ab Chao

dispersassem.

Como sempre acontece nesses casos não era propriamente o que se desejava, mas era o que se podia fazer naquele momento.

Hoje em dia porém, a situação já é bem diferente daquela do início da pandemia e estamos todos melhor resguardados e prevenidos quanto aos seus efeitos nefastos.

Atualmente precisamos vencer outra batalha que é pensar no retorno às nossas sessões presenciais. Os protocolos sanitários hoje em prática são mais eficientes e nos permitem certamente o retorno paulatino à

normalidade.

É certo que cada caso é um caso, às vezes diferentes, mais na maioria parecidos e o retorno muitas vezes depende muito mais da nossa própria vontade.

Convido os Irmãos a refletirem sobre essa questão, de modo que possamos encontrar a melhor fórmula para superar essas dificuldades do momento. Assim sendo desejo a todos que os próximos dias sejam de muito trabalho em prol da Maçonaria e sob as Bênçãos do GADU.

Fraternalmente,

 *Antonio José Aniceto Rossi* 
Presidente

PALAVRA DA AIME

*Georges Bousquet 33^{ème}
Grand Chancelier du
Suprême Conseil de France*



Très Illustres Frères.

Très Chers Frères Maîtres Secrets de la
juridiction du Suprême Conseil des
Minas Gerais

Si le travail de l'apprenti et du
Compagnon est essentiellement «
manuel », c'est à dire apprendre à utiliser

les outils mis à sa disposition par les rituels, et les techniques d'assemblage des pierres taillées pour élever un temple, au 4^{ème} degré le travail change d'aspect et d'envergure car on demande au Maître Secret de donner maintenant une âme et une fonction à ce temple. Cette âme, c'est toujours lui qui va la forger, petit à petit, par un travail assidu de réflexion personnelle et toujours guidé par les rituels car il ne voit pas encore bien le but et l'utilité de sa quête. Ce travail d'animation va transformer ce temple de pierre en temple habité par l'esprit comme le fut le temple de Salomon lorsqu'on mit l'Arche

d'Alliance en son sein. Le temple de pierre devient dès lors un athanor où le cherchant va entamer son travail de recherche d'un nouvel univers, celui du monde intelligible. Le travail commence inévitablement par la connaissance de soi pour se libérer du monde sensible et se reconstruire en une personnalité nouvelle qui percevra son environnement, son univers, avec un autre regard. De nouvelles certitudes, qui évolueront d'ailleurs au fil du temps, vont apparaître qui modifieront sa préhension de ce qu'il considérait jusqu'alors comme des évidences, des vérités. La notion de relativité du monde sensible devient une évidence et il doit s'appuyer sur d'autres socles de recherche pour choisir son chemin vers le but qu'il s'est fixé : trouver sa vérité profonde d'homme, celle qui remplira son temple de pierre.

Au 4^{ème} degré, la Vérité peut sans doute être assimilée à la Parole Perdue au 3^{ème} degré après l'assassinat d'Hiram. Déjà évoquée au 1^{er} degré, le mot vérité réapparaît en Loge de Perfection, annulant le désarroi du Maître lorsqu'on lui annonce qu'Hiram renaît en lui sans autre précision. Lui qui, jusque-ici, avait été pris en charge par les Frères Surveillants, se retrouve seul, désemparé, sans directives pour continuer le chantier puisqu'on lui dit que (je cite le rituel d'initiation au 3^{ème} degré de la GLDF) « Les plus grands secrets de la Maçonneries » que possédait Hiram ont bel et bien disparu avec lui ainsi que les plans du Temple.

A son entrée dans la Loge de Perfection du 4^{ème} degré, on montre au nouveau Maître Secret un nouveau chemin pour continuer l'œuvre, une voie qui se situe sur un plan supérieur beaucoup plus vaste qu'au degré

précédent et qu'il doit explorer avec d'autres outils et observer avec d'autres critères, le chemin qui conduit à la vérité. Le travail est différent de celui en Loge Symbolique puisque, dans cette nouvelle phase de l'initiation effective du cherchant, le Maître Secret devient un élément actif du psychodrame plaqué sur la légende salomonienne qui s'étale jusqu'au 14^{ème} degré du Rite. A partir de ce 4^{ème} degré, il devient en effet le héros d'une aventure dramatique, riche en rebondissements, s'appuyant sur des épisodes bibliques, qui l'invitent à accomplir des exploits lui permettant de révéler son tempérament et sa nature à travers les différents épisodes de cette légende et qui ne sont, en fait, que les luttes menées contre les forces obscures tapies au tréfonds de lui-même.

Ici, dans la Loge de Perfection, on lui montrera comment la recherche de la Vérité qui l'amènera à la connaissance, l'émancipera et le libérera des scories profanes qui encombrent encore son esprit et faussent son raisonnement, lui dévoilera les valeurs d'un homme de devoir, un homme véritable et sincère envers lui-même. Tout cela est encore confus au 4^{ème} degré puisque nous ne savons pas encore franchir la balustrade qui nous sépare de la Grande Lumière, mais nous soupçonnons que les Secrets du Maître Maçon se cachent au-delà de cette balustrade et que nous devons travailler pour avoir le droit de la dépasser, atteindre un autre niveau de connaissance dans un monde au-delà de nos désirs et de nos pulsions qui constituent notre propre balustrade, dépasser l'humain et retrouver ces secrets pour parfaire le temple et l'habiter en communion avec le principe à l'origine de toutes choses. Certes, la porte du temple

est étroite, mais la pierre de plus en plus taillée, de plus en plus polie, finira par passer cette porte et le cherchant découvrira un espace situé au-dessus des conceptions humaines, au-delà des croyances du vulgaire, au plus près de sa véritable nature, sur le chemin qui remonte vers la Loi Originelle, vers la Parole, vers la Source où tout est rassemblé. Si tout est rassemblé à la source, pourquoi n'est-ce pas le cas en bas, dans le monde matériel ? Peut-être parce que les hommes, dans une arrogance qui va croissant au fil des millénaires, ne se souviennent plus de la source qui leur a donné naissance, qu'ils ne sont plus ni vertueux ni solidaires, qu'ils ont perdu la Parole créatrice, Parole rassembleuse, collective et universelle. Cette Parole n'est pas une morale, mais le fondement d'une façon de penser, fruit d'un travail en profondeur pour retrouver l'essence de l'être.

Comme Noé dans l'Arche qui réfléchissait à une nouvelle création, le maçon doit utiliser ses acquis pour réfléchir sur les bouleversements actuels, pour repenser notre façon de vivre et esquisser le futur qui doit émerger de toutes ces crises c'est-à-dire : à un avenir dans lequel les hommes seraient à leur juste place, en harmonie avec ce qui les entoure, que ce soit la planète comme tous ceux qui l'habitent, dans un monde qui aurait un véritable sens et qui donnerait un but et une espérance aux hommes. Les connaissances que nous acquérons en maçonnerie doivent nous donner la capacité de voir ce qui se révèle à travers les événements, dont le dernier en Europe est très certainement le plus grave depuis 80 ans. Notre action ne doit pas être guidée par nos passions ou nos pulsions mais par une morale issue de l'éthique

maçonnique et la voie initiatique qui prêchent le vrai et le juste au-delà de ce qui est destiné à disparaître.

Cette morale, cet état d'esprit, c'est le Secret qui précède la Parole Perdue et qui nous échappe bien qu'il soit enfoui en nous comme il l'est au point Alpha de l'univers. Se construire cette nouvelle morale en faisant son devoir est un combat de tous les instants, pour percevoir puis respecter les lois immuables qui régissent le cosmos, ce qui nous permet de travailler à une construction collective pour le bien commun tout en continuant notre réalisation intérieure et augmenter ainsi notre liberté retrouvée. Liberté de juger ce qui est bien et ce qui est mal, de pratiquer ou pas les vertus, d'agir dans le monde réel ou rester dans la contemplation du monde de l'esprit, de partager les souffrances et les joies des autres ou de se retirer dans un cocon protecteur égoïste. Développer la face lumineuse de l'humanité, telle est la mission du maçon accompli, notre responsabilité d'homme initié, d'homme libre, défenseur de la justice et en recherche de la vérité, autre manière d'aller au fond de soi et de son devoir, et de respecter ses serments.

Au 4^{ème} degré, le Maître secret a reçu l'initiation sacerdotale qui le hisse au rang des Lévites, porteurs de l'Arche d'Alliance, gardiens de la Vérité cachée dans le Saint des Saints, c'est-à-dire apte à passer du « faire » au « dire », de la maîtrise de l'outil à la maîtrise de verbe symbolisée par l'application du sceau du secret sur les lèvres. Ce geste indique bien également que le centre de la réflexion devient désormais la quête de la Parole Perdue et l'invite à sonder ses profondeurs. Le long

travail vers la connaissance de soi commence là, devant le Saint des Saints, travail qui nous ouvrira un jour la barrière nous séparant de la zone interdite des Grands Mystères, cet ailleurs situé au-delà du quotidien, siège de la perception de la transcendance et de l'immanence qui nous habitent. Il lui faudra chercher un nouvel équilibre dans la progression de sa recherche, bien différente de celle, somme toute assez linéaire et plus facile à réaliser, des degrés précédents, et en particulier travailler sur des questions telles que : L'existence et la notion d'un Principe Créateur, la relation de l'homme avec ce Principe, la prise de conscience d'un plan organisateur de l'Univers, notre responsabilité dans la réalisation de ce plan car le Maître Secret est associé à Adonhiram pour diriger les ouvriers dans l'édification du Temple, à la fois Temple personnel et Temple de l'humanité.

Le devoir du Maître Secret est donc celui de rechercher la Parole Perdue qui pourrait se révéler être l'idée régulatrice de la Vérité cachée sous tous les noms substitués que nous rencontrons au fur et à mesure que nous progressons dans le Rite, mots qui nous entraînent dans une spirale en forme de cône vers le point ultime de son aboutissement. C'est en fait le voyage inverse de la Parole Créatrice au fur et à mesure de sa matérialisation. La première parole qui nous a été communiquée est la plus éloignée de l'originale et inversement, la plus récente que nous avons reçue nous en rapproche. Et c'est bien pour cela qu'il y a 33 degrés dans le Rite, 33 cercles dans la spirale qui nous élève. Et puis, lorsque nous aurons répondu aux questions citées plus haut, s'en posera une autre aussi essentielle : L'homme est-il le sanctuaire

d'une idée régulatrice ? Le dépôt d'un Absolu, d'une Unité Primordiale dont le message ne peut être redécouvert qu'en nous, comme nous avons coutume de l'entendre ?

Seul, un Rite véritablement initiatique et foncièrement spiritualiste peut conduire l'initié dans cette recherche. Et les véritables initiés ne s'y trompent pas puisque le Rite Ecossais que nous pratiquons est le rite le plus pratiqué de par le monde, que son influence ne cesse de s'étendre, que le nombre de Suprêmes Conseils qui travaillent comme nous et avec nous, augmente progressivement dans les deux hémisphères. Le Maçon, sans l'aide de la Tradition, est un Maçon désorienté qui erre, faute de mieux, sur des chemins qui se révèlent être des impasses ou le conduisent dans des domaines d'où toute notion d'espace sacré a disparu. Le R.E.A.A. quant à lui continue à maintenir la véritable chaîne des Ecoles de Mystères qui, depuis les origines, attirent les hommes en quête de transcendance et de spiritualité. Une spiritualité sans dogme, profonde, adaptée à la personnalité de chacun. Cette singularité de notre Rite rend sa pratique certes plus difficile, puisqu'elle implique un effort personnel dans une recherche, à la fois individuelle et collective qui élimine les « gourous », les « idées à la mode » donc éphémères et les faux « bons sentiments », au profit d'une connaissance essentielle de l'homme éternel et véritable, tel qu'il a été conçu aux origines. Chemin étroit et ardu mais oh combien enrichissant et révélateur pour celui qui le suit avec foi, constance et sincérité. Ce Rite gardera toute sa puissance évocatrice, toute sa faculté d'éveil, tant que nous respecterons les textes fondateurs et les critères de

régularité et les valeurs dont il est porteur.

Notre Rite a toujours su évoluer avec le temps, les idées et les mœurs mais en gardant le même socle. Grace à notre démarche originale et intemporelle, nous nous apercevons à posteriori que nous sommes souvent en avance sur l'évolution des sociétés car notre évolution est la résultante d'une réflexion profonde et

durable qui nous guide lorsque nous œuvrons dans le monde profane, à l'extérieur du Temple, riches de l'expérience acquise dans ce dernier. N'écoutez pas les sirènes qui nous invitent à changer de chemin et poursuivons le nôtre, même si nous savons que nous ne serons jamais certains de rien, donc toujours en recherche de la Vérité.

TIF Georges Bousquet 33°

Grande Chancelier do Supremo Conselho da França

Ilustres Irmãos,

Caros Irmãos Mestres Secretos da Jurisdição do Supremo Conselho de Minas Gerais,

Se o trabalho do Aprendiz e do Companheiro é essencialmente "manual", ou seja, o de aprender a usar as ferramentas que lhe são disponibilizadas pelos rituais e as técnicas de montagem das pedras esculpidas para erguer um Templo, no 4º grau o trabalho muda de aspecto e alcance porque se pede ao Mestre Secreto que dê agora uma alma e uma função a este Templo. Essa alma é sempre ele quem a forjará, pouco a pouco, por um trabalho assíduo de reflexão pessoal e sempre guiado pelos rituais, porque ainda não vê o objetivo e a utilidade de sua busca. Esse trabalho de animação transformará esse Templo de pedra em um Templo habitado pelo espírito, como era o Templo de Salomão quando a Arca da Aliança foi colocada dentro dele. O Templo de pedra torna-se assim um athanor (forno cósmico utilizado na alquimia para fornecer calor para a digestão alquímica), onde o pesquisador começará sua busca por um novo universo, o do mundo inteligível. O trabalho inevitavelmente começa com o autoconhecimento para se libertar do mundo sensível e se reconstruir em uma nova personalidade que perceberá seu ambiente, seu universo, com outro olhar. Surgirão novas certezas, que evoluirão

com o tempo e que modificarão sua compreensão daquilo que até então considerava óbvio, as verdades. A noção de relatividade do mundo sensível torna-se óbvia e ele deve se apoiar em outras bases de pesquisa para escolher seu caminho em direção ao objetivo que se propôs: encontrar sua verdade humana mais profunda, aquela que preencherá seu Templo de pedra.

No 4º grau, a Verdade pode, sem dúvida, ser assimilada à Palavra Perdida no 3º grau, após o assassinato de Hiram. Já mencionada no 1º grau, a palavra verdade reaparece na Loja da Perfeição, anulando o desânimo do Mestre quando lhe é dito que Hiram renasceu nele sem maiores esclarecimentos. Aquele que, até agora, foi cuidado pelos Irmãos Supervisores, encontra-se sozinho, perturbado, sem instruções para continuar o trabalho, pois lhe é dito que (cito o ritual de iniciação do 3º grau da GLDF) "Os maiores segredos da Maçonaria" que Hiram possuía de fato desapareceram com ele, assim como os planos do Templo.

Ao entrar na Loja de Perfeição do 4º grau, ao novo Mestre Secreto é mostrado um novo caminho para continuar o trabalho, um caminho que está em um plano superior muito maior que o grau anterior e

que ele deve explorar com outras ferramentas e observar com outros critérios o caminho que leva à verdade. O trabalho é diferente do da Loja Simbólica, pois, nesta nova fase da efetiva iniciação do pesquisador, o Mestre Secreto torna-se um elemento ativo do psicodrama lavrado na lenda salomônica que se estende até o 14º grau do Rito. A partir deste 4º grau, torna-se, de fato, o herói de uma aventura dramática, rica em reviravoltas, baseada em episódios bíblicos que o convidam a realizar feitos que lhe permitem revelar o seu temperamento e a sua natureza através dos diversos episódios desta lenda e que são, na verdade, apenas as lutas travadas contra as forças das trevas que espream nas profundezas de si mesmo.

Aqui, na Loja da Perfeição, será mostrado a ele como a busca da Verdade que o levará ao conhecimento, o emancipará e o libertará da escória profana que ainda confunde sua mente e falsifica seu raciocínio e lhe revelará a valores de um homem de dever, um homem verdadeiro e sincero para consigo mesmo. Tudo isso ainda está confuso no 4º grau, pois ainda não sabemos como atravessar a grade que nos separa da Grande Luz, mas suspeitamos que os Segredos do Mestre Maçom estão escondidos além dessa grade e que devemos trabalhar para ter o direito de ir além dele, de alcançar outro nível de conhecimento em um mundo além de nossos desejos e nossos impulsos que constituem nossa própria balaustrada, de ir além do humano e encontrar esses segredos para aperfeiçoar o Templo e viver nele em comunhão com o princípio na origem de todas as coisas. É certo que a porta do Templo é estreita, mas a pedra

cada vez mais lapidada, cada vez mais polida, acabará por passar por esta porta e o pesquisador descobrirá um espaço situado acima das concepções humanas, para além das crenças do popular, mais perto de sua verdadeira natureza, no caminho que remonta à Lei Original, à Palavra, à Fonte onde tudo está reunido. Se tudo está reunido na Fonte, por que não está lá embaixo no mundo material? Talvez porque os homens, numa arrogância que cresce ao longo dos milênios, já não se lembrem da fonte que lhes deu origem, que já não são virtuosos nem unidos, que perderam a Palavra criadora, unificadora, coletiva e universal. Esta Palavra não é uma moral, mas o fundamento de um modo de pensar, fruto de um trabalho aprofundado para encontrar a essência do ser.

Como Noé na Arca, que pensava em uma nova criação, o maçom deve usar suas conquistas para refletir sobre as convulsões atuais, para repensar nosso modo de vida e esboçar o futuro que deve emergir de todas essas crises, ou seja, um futuro em que os homens estariam em seu devido lugar, em harmonia com o que os cerca, seja o planeta como todos os que o habitam, em um mundo que tivesse um significado real e que desse um objetivo e uma esperança aos homens. O conhecimento que adquirimos na maçonaria deve dar-nos a capacidade de ver o que se revela através dos acontecimentos, o último dos quais na Europa, há 80 anos, é certamente o mais grave. Nossa ação não deve ser guiada por nossas paixões ou nossos impulsos, mas por uma moralidade oriunda da ética maçônica e do caminho iniciático que prega o verdadeiro e o justo além do que

está destinado a desaparecer.

Essa moralidade, esse estado de espírito, é o Segredo que precede a Palavra Perdida e que nos escapa, embora esteja enterrado em nós como está no ponto Alfa do universo. Construir essa nova moral no cumprimento do dever é uma luta constante para perceber e depois respeitar as leis imutáveis que regem o cosmos, o que nos permite trabalhar na construção coletiva do bem comum, continuando nossa realização interior e, assim, aumentando nossa recém-descoberta liberdade. Liberdade para julgar o que é bom e o que é mau, praticar ou não as virtudes, agir no mundo real ou permanecer na contemplação do mundo do espírito, compartilhar os sofrimentos e as alegrias dos outros ou se retirar em um casulo protetor egoísta. Desenvolver o rosto luminoso da humanidade, tal é a missão do maçom realizado, nossa responsabilidade como homem iniciado, homem livre, defensor da justiça e em busca da verdade, outra forma de ir ao fundo de si mesmo e de seu dever e respeitar seus juramentos.

No 4º grau, o Mestre Secreto recebeu a iniciação sacerdotal que o eleva à categoria dos levitas, portadores da Arca da Aliança, guardiões da Verdade escondida no Santo dos Santos, isto é, capazes de passar do "fazer" ao "dizer", do domínio da ferramenta ao domínio do verbo simbolizado pela aplicação do selo de sigilo nos lábios. Esse gesto também indica que o centro da reflexão agora se torna a busca da Palavra Perdida e a convida a sondar suas profundezas. O longo trabalho de

autoconhecimento começa ali, em frente ao Santo dos Santos, trabalho que um dia abrirá a barreira que nos separa da zona proibida dos Grandes Mistérios, esse outro lugar situado além do cotidiano, sede da percepção da transcendência e imanência que nos habitam. Terá de procurar um novo equilíbrio na progressão da sua investigação, bem diferente daquele bastante linear e mais fácil de alcançar nos graus anteriores e, em particular, trabalhar questões como a existência e a noção de um Princípio Criador e a relação do homem com esse Princípio; a consciência de um plano organizador do Universo e nossa responsabilidade na realização desse plano, porque o Mestre Secreto está associado a Adonhiram para dirigir os trabalhadores na construção do Templo, tanto o Templo pessoal como o Templo da humanidade.

O dever do Mestre Secreto é, portanto, o de buscar a Palavra Perdida que pode vir a ser a ideia reguladora da Verdade oculta sob todos os nomes substitutos que encontramos à medida que avançamos no Rito, palavras que nos conduzem em uma espiral em forma de cone em direção ao ponto final de sua conclusão. É, de fato, a jornada inversa da Palavra Criativa em direção à sua materialização. A primeira palavra que nos foi comunicada é a mais distante da original e, inversamente, a mais recente que recebemos nos aproxima dela. E é justamente por isso que há 33 graus no Rito, 33 círculos na espiral que nos eleva. E então, quando tivermos respondido às perguntas acima, surgirá outra igualmente essencial: o homem é o santuário de uma ideia reguladora? O depósito de um

Absoluto, de uma Unidade Primordial cuja mensagem só pode ser redescoberta senão em nós, como estamos acostumados a ouvi-la?

Somente um Rito verdadeiramente iniciático e fundamentalmente espiritualista pode conduzir o iniciado nessa busca. Que os verdadeiros iniciados não se enganem, porque o Rito Escocês que praticamos é o rito mais praticado no mundo, que sua influência não deixa de se estender, que o número de Supremos Conselhos que trabalham como nós e conosco aumenta gradualmente em ambos os hemisférios. O maçom, sem a ajuda da Tradição, é um maçom desorientado que vagueia por falta de coisa melhor, por caminhos que se revelam becos sem saída ou que o levam a áreas das quais toda noção de espaço sagrado desapareceu. O R.E.A.A., quanto a ele, continua a manter a verdadeira cadeia das Escolas de Mistérios que, desde o início, atraiu homens em busca de transcendência e espiritualidade. Uma espiritualidade sem dogma, profunda, adaptada à personalidade de cada um. Esta singularidade do nosso Rito certamente dificulta a sua prática, pois envolve um esforço pessoal numa busca, tanto individual como coletiva, que elimine os "gurus", as "ideias da moda" e, portanto, efêmeras e os falsos "bons sentimentos", em benefício de um conhecimento essencial do homem eterno e verdadeiro, tal como foi concebido nas origens. Um caminho estreito e árduo, mas tão enriquecedor e revelador para quem o segue com fé, constância e sinceridade. Este Rito conservará todo o seu poder

evocativo, toda a sua faculdade de despertar, desde que respeitemos os textos fundadores e os critérios de regularidade e os valores de que é portador.

Nosso Rito sempre foi capaz de evoluir com o tempo, ideias e costumes, mas mantendo a base. Graças à nossa abordagem original e atemporal, percebemos a posteriori que muitas vezes estamos à frente da evolução das sociedades porque a nossa evolução é o resultado de uma reflexão profunda e duradoura que nos orienta quando trabalhamos no mundo secular, fora do Templo, enriquecidos pela experiência adquirida neste último. Não escutemos o canto das sereias que nos convidam a mudar o nosso caminho, **seguindo** o nosso e, mesmo sabendo que nunca teremos certeza de nada, continuemos sempre na busca da Verdade.

Tradução livre por:

Wagner Colombaroli
Grande Comendador



REVISTA
TRIPONTO

A INDEPENDÊNCIA DO BRASIL E A MAÇONARIA

Ir.: Emanuel Torres Breyner - Gr.: 33

Belo Horizonte - MG

Difícil tarefa a de falar sobre a Independência do Brasil e a participação da Maçonaria na construção da mesma.

Rogo aos Confrades que me perdoem a ousadia de aventurar-me nesse assunto, já muito explorado por tantos bons Maçons de elevados conhecimentos e dotes intelectuais.

Peço que me permitam fazer foco nos acontecimentos, na Europa e na América, que precederam a nossa independência.

Solicito aos Ilustres Confrades a permissão para dirigir as homenagens da Independência ao Capitão-mor Rocha, ao Conselheiro Rocha, ao **Rábula José Joaquim da Rocha**, o Patriarca do Fico, o Primeiro Motor da Independência do Brasil. Mas, cabe aqui um alerta: houve na Conjuração Mineira um homônimo dele, português, engenheiro militar e cartógrafo, autor de mapas de Minas Gerais, de 1777 e 1778, com detalhes inquietantes para a corte portuguesa e úteis para quem preparava uma revolta separatista. O Cartógrafo José Joaquim da Rocha teria emprestado esses mapas ao Alferes Joaquim José da Silva Xavier, e foi denunciado por Basílio de Brito Malheiro na DEVASSA DA INCONFIDÊNCIA MINEIRA, mas não chegou a ser convertido em réu, nem a ser reconhecido como participante da Conjuração Mineira (mistérios de lá e de cá).

No dia 21 de abril de 1995, no Templo Manuel Alberto Rodrigues da Loja Maçônica Estrela do Oriente da cidade de Mariana, o Orador Oficial do Grande Oriente de Minas Gerais, Irmão Jorge Lasmar falou sobre o Maçom JOSÉ JOAQUIM DA ROCHA, das Lojas Maçônicas Distintiva de Niterói e Comércio e Artes do Rio de Janeiro, e de sua participação fundamental no episódio do FICO.

Obrigado Irmão Jorge Lasmar! Hoje eu sei que um filho de Mariana, JOSÉ JOAQUIM DA ROCHA deu um exemplo ímpar de patriotismo e competência na construção de nossa independência.

Permitam-me voltar no tempo para lembrar algumas datas e fatos históricos que fincaram as raízes dos movimentos de independência de

colônias do continente americano:

- A Guerra dos Sete Anos entre a Inglaterra e a França, de 1756 a 1763, que por seus altos custos levou a Inglaterra a criar pesados impostos a serem pagos por suas colônias na América do Norte;
- A Declaração de Independência dos Estados Unidos da América no Congresso da Filadélfia, em 04 de julho de 1776, e seu reconhecimento pela Inglaterra em 03 de setembro de 1789. Foi uma forte influência nos movimentos emancipacionistas das demais regiões das Américas, aí incluída a Conjuração Mineira que foi abortada em 1789;
- A Revolução Francesa com a Queda da Bastilha em 14 de julho de 1789 e a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão no dia 26 de agosto seguinte. Nessa declaração ficaram fixados conceitos de direitos fundamentais como: 1º) Os homens nascem e são livres e iguais em direitos; 2º) A liberdade consiste em poder fazer tudo que não prejudique o próximo; 3º) O exercício dos direitos naturais de cada homem só tem por limites os que asseguram aos outros membros da sociedade o gozo dos mesmos direitos, e só podem ser determinados pela lei;
- A lei é a expressão da vontade geral e é a mesma para todos, seja para proteger, seja para punir;
- A liberdade de comunicação de ideias e opiniões como direito do homem, que pode falar, escrever, imprimir livremente, mas que responde pelos abusos de liberdade na forma da lei.

Ressalte-se que essa declaração foi feita à luz do iluminismo, da valorização da razão, do intelecto, do conhecimento científico, do usufruto igualitário dos bens da sociedade na medida da capacidade de cada cidadão, de suas virtudes e dos seus talentos.

As ideias dos direitos dos homens, os conceitos básicos da nova realidade do mundo ocidental encontraram na Maçonaria, por sua forma e penetração nas sociedades nesse Século das Luzes e nos tempos que se seguiram, a rede de permeabilidade para sua disseminação na Europa e na América. Os novos conceitos, as notícias de

todas as regiões e as insatisfações dos moradores das colônias, sobretudo com os elevados impostos a serem pagos e as limitações do crescimento e usufruto dos bens, chegavam a todos os lugares.

Voltemos ao Brasil, onde já acumulávamos movimentos produzidos por insatisfações localizadas que resultaram nas Revoltas Nativistas: 1694 - Beckman no Maranhão, 1707 - Emboabas em Minas Gerais, 1710 - Mascates em Pernambuco, 1720 - Felipe dos Santos em Minas Gerais. Tivemos também as Revoltas Separatistas: Conjuração Mineira de 1789, Conjuração Baiana de 1798, Revolução Pernambucana de 1817. Altos impostos dificultavam a vida e o progresso e, da insatisfação com eles foi aberta a porta para os efeitos das novas ideias e sonhos de liberdade.

As Guerras Napoleônicas deram um bom empurrão em direção às lutas de emancipação. Espanha perde força no controle de suas colônias, quando algumas alcançam a independência, como a Argentina em 1816 e o Uruguai em 1828. A Corte Portuguesa muda-se para o Brasil em 1808, tendo algum papel nisso a Maçonaria Portuguesa, à qual também se atribui alguma participação no retorno dela para Portugal em 1821 em consequência à Revolução do Porto, constitucionalista. O Brasil sobe a categoria de Reino em 1815 e desce à condição de Colônia em 1821.

O Príncipe Regente, Dom Pedro de Alcântara fica no Brasil e é envolvido pela Maçonaria que forma sua primeira Potência Maçônica em 17 de junho de 1822 a partir do desmembramento da Loja Comércio e Artes, que existia desde 12 de dezembro de 1814. Em 1822 são iniciados na Maçonaria José Bonifácio de Andrada e Silva e Dom Pedro de Alcântara. Em seguida os dois passam aos Graus de Companheiro e Mestre Maçom. Primeiro José Bonifácio é levado ao Cargo de Grão-Mestre do Grande Oriente Brasileiro e, depois é Dom Pedro que ocupa o mais elevado cargo dessa nossa primeira Potência Maçônica. A velocidade desses acontecimentos é espantosa, muito política, pouco maçônica. Era a Maçonaria Brasileira inteiramente dedicada à causa da Independência do Brasil. Dentro dela, no Grande Oriente Brasileiro, temos os monarquistas de um lado, e do outro os republicanos. No grupo monarquista, não absolutista, encontramos os Irmãos Andradas,

José Bonifácio, Antônio Carlos e Martim Francisco, o Padre Belchior Pinheiro Oliveira, o Irmão José Joaquim da Rocha, o Irmão Francisco Gê Acaiaba de Montezuma, e outros. No grupo dos republicanos encontramos a forte liderança do Irmão Jornalista, Joaquim Gonçalves Ledo. Os dois grupos lutando fortemente para que o Brasil se libertasse de Portugal.

É nesse cenário que encontramos o Irmão JOSÉ JOAQUIM DA ROCHA. Ele que nasceu a 29 de outubro de 1777 em Mariana, Minas Gerais e morreu no Rio de Janeiro a 16 de julho 1848 (dia em que a cidade de Mariana comemorava o seu 152º aniversário). Ele, que por seus talentos, foi, aos 16 anos, regente das aulas de latim do Padre Pascoal Bernardino de Matos. José Joaquim da Rocha ocupou cargos diversos na área da justiça em Mariana e chegou ao posto de Capitão-mor atuando nas disputas de terras auríferas da região. Quando se mudou para o Rio de Janeiro, em 1808, já estava casado e tinha dois filhos, Inocência e Juvência e uma filha, a Maria Luiza. No Rio de Janeiro ganhou a vida como Rábula, mas também teve atuações outras como administrador de hospitais militares. Pertenceu aos quadros da Loja Distintiva de Niterói e Comércio e Artes do Rio de Janeiro. Criou o Clube da Resistência, depois Clube da Independência, que se reunia em sua casa à Rua da Ajuda, onde muito trabalho foi realizado a favor da causa da independência, e, sobretudo, do episódio do FICO. Ele, seus filhos Inocência e Florência, seu irmão Tenente Coronel Joaquim José de Almeida, Pedro Dias Pais Leme, Paulo Barbosa da Silva, Luiz Pereira da Nóbrega, Vasconcelos de Drummond e José Mariano de Azevedo Coutinho, prepararam documentos de esclarecimento ao povo fluminense, também aos mineiros e paulistas. Divulgaram avisos à população do Rio de Janeiro, enfim, enviaram mensagens aos mineiros e paulistas e conseguiram os respectivos manifestos que pediam a permanência de Dom Pedro no Brasil, em lugar de retornar a Portugal como era exigido pelas cortes portuguesas, daí resultando o FICO, que representou a primeira desobediência de Dom Pedro a uma determinação de Portugal e, juntamente com o fato de continuarmos com a monarquia, possibilitou a manutenção da integridade do território brasileiro com nossa independência, sem derramamento de sangue, diferentemente do que ocorreu nas vizinhas colônias espanholas. Nessa ocasião o

Comandante Jorge Avilez, das forças da corte, apontou uma peça de artilharia para a casa de José Joaquim da Rocha, que felizmente não chegou a ser disparada.

Após a independência, **José Joaquim da Rocha** foi representante de Minas Gerais na Assembleia Constituinte de 1823, que pelo argumento de querer diminuir o poder do Imperador, foi fechada. Ele foi preso e deportado para a França, juntamente com seus filhos Inocêncio e Juvêncio, os irmãos Andradas, Montezuma e o Padre Belchior Pinheiro Oliveira. Morou em Paris até 1830. Em 1831 voltou ao Brasil e retomou suas atividades de Rábula, depois foi nomeado ministro plenipotenciário, representando o Império Brasileiro na França, e mais tarde em Roma. José Joaquim da Rocha teve uma vida extremamente ativa e produtiva, e por tudo o que fez, foi considerado O PRIMEIRO MOTOR DA INDEPENDÊNCIA e O PATRIARCA DO FICO, como afirmou o Barão de Santo Ângelo à beira de sua sepultura.

Jorge Lasmar, à página 79 do livro COLETÂNEA, escreve que José Joaquim da Rocha, no exílio, encontra e abraça um amigo brasileiro em Paris, dizendo: "Dou por bem empregados todos os sacrifícios e perdas enormes que sofri desde 1821, se uma voz se levantar da minha sepultura e bradar: independência ou morte, porque nestas palavras se encerram os dias maiores e mais felizes de minha vida."

Encerro este trabalho plagiando o Irmão Jorge Lasmar.

Glória ao Irmão Jorge Lasmar,

Glória ao Irmão José Joaquim da Rocha,

Glória a Mariana,

Glória à Maçonaria Brasileira,
Glória ao Brasil Independente.

Referência Bibliográfica :

- 1 – Biblioteca Virtual de Direitos Humanos – USP
[www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Documentos ...](http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Documentos...)
Acesso em 26/08/2021 às 9h25
- 2 – Coletânea – Jorge Lasmar – 1997
Editora Littera Maciel LTDA – Páginas 74 a 80
- 3 – ihgb.org.br/perfil/userprofile/josejoaquimdarocha.html
José Joaquim da Rocha – Instituto Histórico Geográfico Brasileiro –
Acesso em 23/08/2021 às 10h45
- 4 – Maçonaria no Brasil – Heitor Pitombo – 2009
Edição Escala – Páginas 14 a 53
- 5 – Dissertação de Mestrado de Luís Gustavo Molinari – Faculdade de Filosofia Ciências e História da UFMG – 16 /12/2009 – Páginas 96 e 97
- 6 – Artigo de Roberta Giannubilo Stumpf – Minas contada em números – A Capitania de Minas Gerais e as fontes demográficas (1776-1821) Revista Brasileira de Estudos da População

INICIAÇÃO GRAU 33 EM POÇOS DE CALDAS/MG

O Supremo Conselho de Minas Gerais, no dia 12 de novembro de 2021, através do Decreto N^o 1/2021, transferiu provisoriamente a sede do Supremo Conselho do Grau 33 Para a República Federativa do Brasil, R.'.E.'.A.'.A.'. para o Acampamento de Poços de Caldas, MG, vinculada a XXII Região Litúrgica Administrativa de Poços de Caldas/MG.

A Comitiva do Supremo Conselho de Minas Gerais foi composta pelos Membros Efetivos e Poderosos Irmãos: José Basílio de Queiroz, 33^o - Venerável Lugar-tenente Grande Comendador; Carlos José Bratiliere, 33^o - Grande Ministro de Estado do Santo Império; João Luiz Pereira Issa, 33^o - Grande Secretário Geral do Santo Império; Dilton de Fátima Ribeiro, 33^o -

Grande Tesoureiro do Santo Império; Jeová Dias Leite, 33º - Grande Hospitaleiro do Santo Império; José Eustáquio de Faria, 33º - Grande Mestre de Cerimônias do Santo Império; e sob a direção do ilustre e Poderoso Irmão Wagner Colombarolli, 33º - Soberano Grande Comendador.



A investidura aconteceu na manhã do dia (13), sábado, nas instalações da Loja Maçônica Estrela Caldense.



Onde foram investidos treze (13) novos Irmãos Grande Inspetor Geral da Ordem: Carlos Antoninho Villas Boas Junior, Edson Luiz de Almeida, Elcio Braz Ventura, Flavio Franco, Flavio Lucio Vilela Figueiredo, Geovane Rezende Avelar, João Carlos da Fonseca, Jorge Antônio Moreira Lopes, Luiz Antônio Gaiga, Marcelo Fiamenghi Colhada, Marcio Roberto de

Oliveira, Marco Aurélio de Carvalho e Ramon Gomes Lemos.



Na oportunidade o Soberano Grande Comendador homenageou o Poderoso Irmão Sebastião Marques, 33º com título distintivo de Membro Benemérito, conforme Decreto N° 2/2021 acompanhado do respectivo Diploma, que foi entregue ao Irmão Sebastião Carlos Rabello que representou o irmão na solenidade.



Estiveram presentes na Reunião de Iniciação 58 Irmãos.

INICIAÇÃO GRAU 33 EM BELO HORIZONTE/MG



O Supremo Conselho de Minas Gerais, composto pelos Membros Efetivos e Poderosos Irmãos: José Basílio de Queiroz, 33º - Lugar-Tenente Grande Comendador; Marcus Vinicius de Freitas, 33º - Grande Ministro de Estado do Santo Império; João Luiz Pereira Issa, 33º - Grande Secretário Geral do Santo Império; Dilton de Fátima Ribeiro, 33º - Grande Tesoureiro do Santo Império; Emanuel Torres Breyner, 33 - Grande Chanceler do Santo Império; João da Matta Pereira Guimarães Júnior, 33º e Fernando Januário da Silva, 33º - Grande Mestre de Cerimônias do Santo Império; Roberto Bini Lopes, 33º - Grande Mestre de Cerimônias adjunto do Santo Império; José da Silva Maia, 33 - Grande Experto do Santo Império; Jeová Dias Leite, 33º - Grande Hospitaleiro do Santo Império; Demostenes França – Grande Capitão das Guardas; Wilson Oliveira Medina – Grande Mestre de Harmonia; José Eustáquio de Faria – Grande Porta Espada; Gamaliel Faleiros Cardoso – Grande Porta Bandeira e sob a direção do ilustre e Poderoso Irmão Wagner Colombarolli, 33º - Soberano Grande Comendador.

Realizou na tarde do dia 27 de novembro de 2021, às 14:00hs, a Investidura no Grau 33 de vinte e seis (26) novos Irmãos Grande

Inspetor Geral da Ordem: Artur Alevato Sabino Alves, Aldir Ferreira Domingues, Caio Joiter Teixeira, Carlos Alberto de Brito, Dampierre Zimermann, Dilsio de Souza Minateli, Elmo Nélio Moreira, Emerson Christino Ferreira, Flavio de Souza Louro, Helder Augusto Alves Affonso, Jorge Avelino Nogueira, Jorge Luiz Baptista de Souza, Júlio César Garcia, Leonardo David de Oliveira Teixeira, Luciano Carlos Heringer Porcaro, Marcos Flavio da Fonseca, Mauri de Paula Toledo, Maurício Ferreira de Almeida, Nesvalcir Gonçalves Silva, Paulo César Mello Oliveira, Paulo Sérgio Pires Ribeiro, Rodrigo Piassi do Nascimento, Sildo Ribeiro de Carvalho, Valdeci Manoel de Oliveira, Wagner de Souza Gouvêa e Wilde Lopes Vidal.



Estiveram presentes na reunião de Iniciação 58 Irmãos.

REUNIÕES ADMINISTRATIVAS ON-LINE DO SCMG

O Supremo Conselho de Minas Gerais, de forma a manter os obreiros ligados ao Supremo Conselho e aos Graus Filosóficos, promoveu reuniões on-line administrativas com o intuito de manter informado os irmãos e os Corpos Filosóficos sobre as atividades que vinham sendo desenvolvidas.

As reuniões aconteceram de forma não ritualísticas e tratando de temas administrativos de interesse dos irmãos, seja de caráter histórico, filosófico, sanitário, moral ou ético. As Reuniões Administrativas Plenárias On-line, aconteciam periodicamente, abertas aos obreiros dos Altos Graus do SCMG, abordando temas de interesse maçônico, sem tratar de assuntos ritualísticos, preservando a nossa intimidade maçônica.

Essas reuniões sempre tiveram muito boa aceitação. Além de levar conhecimento aos participantes, essas reuniões virtuais visaram a não deixar arrefecer os ânimos dos irmãos recolhidos em seus lares e carentes de contato, mesmo que virtual.

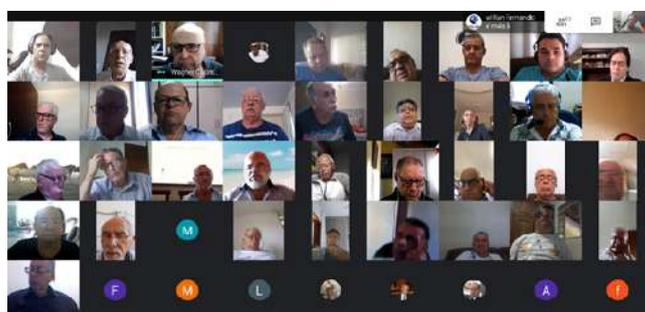
8ª Reunião On-line do Conselho Supremo (80 irmãos presentes)



9ª Reunião On-line do Conselho Supremo (56 irmãos presentes)



10ª Reunião On-line do Conselho Supremo (54 irmãos presentes)



11ª Reunião On-line do Conselho Supremo (71 irmãos presentes)



12ª Reunião On-line do Conselho Supremo (55 irmãos presentes)



13ª Reunião On-line do Conselho Supremo (67 irmãos presentes)



Houve também reuniões da diretoria do Supremo Conselho com os Grandes Inspectores Litúrgicos e seus respectivos adjuntos.

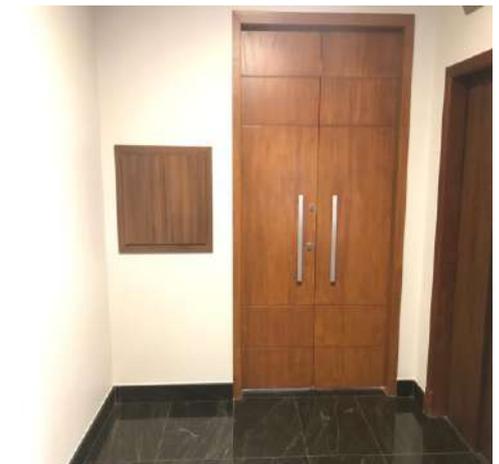


14ª Reunião On-line do Conselho Supremo (55 irmãos presentes)



REFORMAS DAS DEPENDÊNCIAS DO 5º ANDAR DO SUPREMO CONSELHO DE MINAS GERAIS







REFORMAS DAS DEPENDÊNCIAS DO 3º ANDAR DO SUPREMO CONSELHO DE MINAS GERAIS



CONHECENDO AS REGIÕES LITÚRGICA ADMINISTRATIVAS

Como o estado de Minas Gerais é extenso, há valorosos irmãos que representam o Supremo Conselho em divisões chamadas de Regiões Litúrgicas Administrativas, tendo cada uma um Grande Inspetor Litúrgico e um Adjunto, que cuidam dos Corpos Filosóficos.

I REGIÃO LITÚRGICA ADMINISTRATIVA DE BELO HORIZONTE-MG

LOJA MAÇÔNICA ESPERANÇA DE ITABIRITO ITABIRITO/MG

Rua Alberto Fileto, 220 Caixa Postal 59
Centro - Itabirito - MG - CEP: 35450-000



Cidades que compõe a I Região Litúrgica:

Belo Horizonte, Contagem, Itabirito, Itaúna, Nova Lima, Mariana, Patos de Minas, Pequerí, Ponte Nova, Santa Luzia, Santo Antônio do Monte e as demais cidades da Região Metropolitana.



Revivendo a História

A ÁGUIA BICÉFALA

Ir.: Ladival Ignácio Pereira - Gr.: 33

*(Trabalho publicado no O Boletim
nº 03 – 1995 – pág. 14)*

Certo dia, em dado momento maçônico de muita emoção, deparei com um símbolo, que ainda não tinha sido observado por mim: Era uma ÁGUIA;

Atento, verifiquei tratar-se de uma ÁGUIA BICÉFALA. Atendendo ao “Boletim” resolvi pesquisar e escrever a respeito daquele símbolo altamente significativo e que despertaram minha atenção.

ÁGUIA, ave de rapina da família dos Aquilíneos, de belo aspecto, simboliza Ferocidade, Valentia e Nobreza. Está, como emblema de escudo, na HERÁLDICA das nações.

Olhos grandes, quase dum terço do crânio, dirigidos para a frente, e sobrolho saliente, devido ao prolongamento do osso lacrimal, dão ao olhar um aspecto penetrante. Possui morada própria e não admite intrusos no seu ninho, que conserva durante toda sua vida.

Para nidificar escolhe as copas das grandes árvores, rochas ou penhascos inacessíveis. Entre as oito (8) espécies conhecidas destacam-se: H. LEUCO-CEPALUS, América do Norte; H. L. ALASCANUS, norte do Canadá,

Alasca, Grandes Lagos; H. ALBICILLA ou águia cinzenta, encontrada da Islândia ao Japão e a J. LEUCOGASTES, na Ásia, Austrália e Polinésia.

É emblema da Audácia, Perspicácia e Gênio com que se de contemplar, serena e fixamente a LUZ DA VERDADE, bem como a VITÓRIA.

Simbolicamente aparece em quase todos os graus da maçonaria Filosófica ou Altos Graus. Em um dos Rituais do Alto Corpo nota-se que a Águia ocupava o centro de um estandarte, onde aparece como BICÉFALA, asas abertas, bicos e pés dourados, segurando nas garras uma espada antiga, guarnecida de ouro.

Apresenta-se coroada com uma auréola do mesmo metal, simbolizando a SOBERANIA, uma cabeça, a ORDEM: a outra, o PROGRESSO. A espada traduz PODER E HONRA. É o símbolo da Superioridade e Poder, da GRANDEZA, FORÇA E INTELIGÊNCIA. Faz parte da JÓIA de um dos graus do REAA e aparece na fita e jóia do Cavaleiro de Kadosh.

Neste grau, também chamado de Cavaleiro da Águia Branca e Negra, ao fundo do Dossel destaca-se um Triângulo dourado invertido, o seu vértice está sobre a parte superior de uma Águia Branca e Negra, Bicéfala, com as asas abertas, garras segurando uma Espada Romana com a empunhadura ao lado direito da ave.

É uma águia de duas cabeças,

distintivo dos Altos Graus.

A Águia simboliza a Audácia da Investigação e do Gênio, atributos dos maçons dos Altos Graus que contemplam com seu olhar fixo e sereno a deslumbrante Luz da Verdade, assim como a águia, sem pestanejar, contempla os resplendores do Sol.

A Águia foi a ave de Júpiter, seu carro era adornado com duas Águias tendo nas garras um raio, de feliz presságio quando combateu Saturno e venceu os Titões.

Na antiguidade representou o PODER E A FORÇA, símbolo da GLÓRIA e da MAJESTADE, sempre adotada pelos príncipes, exércitos e cidades. É um emblema imemorial, o "LAGASH". Foi insígnia dos reis da Pérsia, pássaro sagrado no Egito; na Grécia, o emblema de Júpiter e entre os Druidas, o de Deus; os povos orientais, hebreus, hititas, samaritanos usavam a Águia como símbolo do Poder

A Águia do Cavaleiro de Kadosh é negra. Ela sustenta sob peito, pendurado por um colar de fita negra uma Cruz Teutônica e um Triângulo equilátero invertido, nele está escrita em caracteres hebraicos, a palavra ADONAI; na parte central, ao redor, a frase NEC PRODITOR, NEC PRODITUS, INNOCENS FORET. (Não revelar, não transmitir, por mais inofensivo que pareça).

Os estandartes do grau são colocados ao fundo da Câmara, em ambos os lados: um branco, cruzado por duas franjas verdes, com a inscrição: Deus o Quer; (a de Pedro, o Eremita, nas Cruzadas): a outra,

verde, com uma cruz teutônica, vermelha numa face e no seu verso uma Águia Negra bicéfala, bicos e outras unhas brancas, nas garras uma espada e em torno, a divisa, em letras prateadas *vicere aut mori* (vencer ou morrer).

A Águia Bicéfala vista pelos Grandes Inspectores apresenta conotações diferentes, com mais luz e vigor. No grau correspondente é o seu "Signum Ordinis", o sinal da Ordem constituído do artigo hieroglifo do Escaravelho egípcio, símbolo da iniciação Osírica. A Águia simbolizava para os antigos egípcios a SABEDORIA.

Esotericamente a águia traduz a "Almas das Coisas": dá a morte com suas garras e bico, porém, com as suas asas se ergue ao Sol, simbolizando ao mesmo tempo Morte e Ressurreição. Para os iniciados a morte mística do profano e a ressurreição do Mestre.

As duas cabeças da Águia simbolizam todo o Antagonismo e o Dualismo, na analogia dos contrários, o Equilíbrio e a Harmonia. O Coroamento, encimado pelo triângulo radiante, com o IOD, simboliza o poema da Criação. Esclarece como da Unidade – IOD – deriva o TRÍPLICE do seu SER, resultando a Realidade cujas faces mostram-se opostas nas aparências, porque na imensidão do abraço circular do seu olhar e de suas asas, abarca todos os seres visíveis e invisíveis, do infinitamente pequeno ao infinitamente GRANDE.

A coroa real sobre as duas cabeças aquilinas simboliza o Poder Efetivo, o poder conquistado, realizado, o que deriva do IOD, o PODER ESPIRITUAL IMANENTE. A ESPADA, a FORÇA sobre a qual se apoia o PODER. O pequeno globo na parte superior da

